

PAULO ANTÔNIO DO VALE

O CAPITÃO LEME
OU
A PALAVRA DE HONRA.
1850.

São Paulo
Typ. Liberal
1851

8 *

PREFACIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO.

Os applausos, exagerados, com que saudarão o meu primeiro esforço litterario, me fizeram crer que eu devia proseguir no caminho encetado.

Tomei pois um facto não menos verdadeiro da historia dos nossos antepassados—o fanatismo da palavra—para *estudar* ainda dois caracteres principalmente—Amador Bueno, e Fernando de Camargo, cujos nomes andão na bocca de todos, e cuja vida de bem poucos é conhecida.

Pintaria tambem a familia daquelles bons tempos, em que um Capitão Leme era o oraculo que todos consultavão e seguião com respeito. No ultimo plano collocaria Fernando de Camargo, e o Abbade de S. Bento, resumindo os vicios, e as virtudes de sua época; e deixaria entrever-se ao longe Amador Bueno, maravilhoso como um Cid, e poetico como um mytho.

Mas, como o pintor que receioso do successo abandona o quadro apenas delineado, e mal acaba o rosto deste ou daquelle personagem para däl-o de presente á algum amigo entusiasta (*), abandonei minha obra difficil, deixando apenas o

(*) O presente drama foi dedicado em primeira edição ao Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos.

Capitão Leme no seu primeiro e mais grosseiro esboço.

Faltarão-me as tintas ;—nem eu as saberia mesclar para produzir o colorido proprio e original dos factos, á que alludia.

Desanimar então não era tanto um dever, como imperiosa necessidade.

Resigno-me pois:—a minha resignação é ao menos uma virtude...

S. Paulo, Setembro de 1850.

PERSONAGENS.

CAPITÃO LEME.

AMADOR BUENO.

FERNANDO DE CAMARGO.

ABBADE DE S. BENTO.

ANTONIO.

MARIA.

ANNA.

—Escravos.

São Paulo.—164...

ACTO I.

Uma sala da casa do Capitão Leme : porta larga no fundo, portas lateraes, e mobilia de jacaranda ao gosto da epocha.—E' dia.

SCENA I.

ANNA E MARIA, *entrando*.

MARIA.

Imos hoje para o sitio, minha mãe?

ANNA.

Se Deos quizer, minha filha.

MARIA.

Antonio tambem vai connosco?

ANNA.

Não, não vai.

MARIA.

Ah!... como elle costumava acompanhar-nos...

ANNA.

Teu pai é quem hade acompanhar-nos.

MARIA.

Sim, Senhora, mas elle. . . (*Timidamente*) diverte-se tanto lá. . .

ANNA.

Paciencia, não póle ser. . .

MARIA.

Mas meu pai de certo o deixa ir comnosco.

ANNA.

Não, teu pai é que o não quer lá.

MARIA.

Meu pai ? porque? (*Ingenuamente*).

ANNA.

Elle o sabe. . . Teu pai é um verdadeiro paulista—o que dice uma vez, está dito.

MARIA.

Elle vos fallou nisso, minha mãe ?

ANNA.

Fallou, fallou-me nisso. (*Maria fica pensativa*). Não quiz, nem devia, contrarial-o, nunca o faço, quanto mais neste caso.

MARIA.

Como assim, minha mãe? explicai-vos: estais com uns modos, que já me dão vontade de chorar.

ANNA.

Maria! (*Severamente*).

MARIA.

De chorar, sim; (*Em pranto*) porque nesta casa já ninguém quer bem ao pobre Antonio, só eu...

ANNA.

E eu, e teu pai também, que lhe queremos como á um filho.

MARIA.

Vós, vós não lhe quereis bem; não, minha mãe.

ANNA.

Maria!—dizes loucuras, filha! Vê que teu pai já anda desconfiado...

MARIA.

Como? meu pai anda desconfiado com elle, com Antonio?

ANNA.

Sim, e contigo também, Maria.

MARIA.

Comigo?! meu Deos! porque motivo?

ANNA.

Eu te digo, filha! devia dizer-t'ó, Maria; por que teu pai já por vezes me disse: «Senhora, este Antonio, e esta Maria tirão-me o socego de dia e o somno de noite...»

MARIA.

Ah! mas porque motivo?

ANNA.

Porque?...—por causa d'esta intimidade tão grande de Antonio contigo. Teu pai quizera que o tratasses, que te tratasse elle, com mais reserva e seriedade.. .E' bom que o faças. Pela minha parte tenho procurado convencel-o, e é o que eu penso, que entre ti e Antonio só ha amisade, e nada mais. Agora faço-te esta advertencia para que saibas as coisas.

MARIA.

Nunca pensei que. . . meu pai desconfiasse. . .

ANNA.

Não é de ti, e nem de Antonio que elle desconfia, é. . . da natureza. . .

MARIA.

Como! da natureza!

ANNA.

Sim! que significa essa intimidade, essa confiança que existe entre ti e Antonio? Nem é teu parente...

MARIA.

Não é meu irmão, minha mãe?

ANNA.

Não é nada teu, Maria! é apenas um engeitado em nossa casa.

MARIA, *com magoa.*

Elle o sabe, minha mãe! elle não ignora que não tem pai nem mãe, nem amigos sobre a terra, que é só como um engeitado, e desgraçado quasi como esses que ahí andão pedindo esmolas pelas ruas.

ANNA.

Não, elle tem pai, e mãe; não é desgraçado como dizes; nunca faltarão-lhes carinhos maternos, nem cuidados paternaes. Deus o sabe, Maria! e o previo quando o mandou em boa hora á porta de nossa casa. Quando digo estas coisas, não deves pensar que aborreço ao pobre Antonio: eu não maltrato a ninguem, e menos á elle que é tão bom... coitado! Mas tu já estás

moça, minha filha!—já tens desessete annos... deves tratar a Antonio de outro modo... depois, Maria, talvez o queiras, e não o possas. E quem sabe si teu pai já tem algum casamento contractado para ti?

MARIA.

Esquecel-o, casar-me! — acaso incommodo tanto á meus pais que me queirão despedir já de sua casa?

ANNA.

Não, Maria; os bons filhos nunca incommodão aos pais, nem lhes enchem a casa por muitos que sejam. Mas o que nós queremos, eu e teu pai, é assegurar a tua felicidade.

MARIA.

E o casamento será felicidade?

ANNA.

E' a unica que podemos conseguir nós mulheres, minha filha! O que ha neste mundo para nós que se compare com um bom marido? Belleza, fortuna, virtudes, se estragarião inutilmente, ou farião a nossa perdição se não as protegesse o homem que nos ama, como nós o amamos. Sim,—porque nós amamos, Maria! porque neste mundo só sabemos amar... e de bom grado trocamos o melhor dos pais, a mais terna das mãis, a familia, e tudo pelo peor dos homens, só porque o amamos e suppomos que

elle tambem nos ama...—Quantas mulheres se enganão! Mas Deos assim quiz...por isso sanctificou com a sua benção o casamento. Ah! elle te conceda tambem um marido que te adore, como teu pai me estima...—Eu não o merecia de certo...Mas Deos te dê um bom e virtuoso marido, que te faça venturosa.

MARIA.

Venturosa—já o sou... Antonio...

ANNA.

Mas não sabes, Maria, que grande distancia te separa d'elle?—Antonio é um engeitado, e tu és nobre. Teu pai tão aferrado ás suas idéas de nobresa de familia... Por isso se afflige elle com essa intimidade... Nunca o poderias desposar... Eu, minha filha...

MARIA, *em lagrimas.*

Basta, basta! não dilacereis mais meu coração:—já sei tudo, a realidade é esta, o mais—um sonho apenas.—Mas não! não consentireis, (*Supplicante*) haveis de valer-me, de amparar-me contra essas pretensões de meu pai. Eu... posso, devo dizer-vos, minha terna mãe!—não esquecerei mais á Antonio... amo-o deveras... (*Abraçando a mãe*) amo como dizeis que amamos nós mulheres, como vós amais meu pai... Perdoai-me, sois tão boa;—se me faltar o vosso auxilio morrerei... morro certamente.

E' teu pai, Maria! concerta as tuas feições...
Retira-te que elle é desconfiado.

MARIA.

Oh! valei-me, valei-me pelo amor de Deos.
(*Vai-se*).

SCENA II.

ANNA, CAPITÃO LEME, ABBADE, E ANTONIO.

CAPITÃO LEME.

Entrai em vossa casa.

ABBADE.

Soube que icis hoje para o sitio, venho receber as vossas ordens.

ANNA.

Deos vos pague.

ABBADE.

Deos nos ajude á todos, e nos tenha de sua mão. Mas que é da D. Maria?

CAPITÃO LEME.

Maria, ó Maria.

MARIA, *dentro.*

Senhor!

ABBADE.

Então á que horas... (*Ao Capitão Leme.*)

CAPITÃO LEME.

Às tres. Que mais falta, Senhora?

ANNA.

Nada;—quando vós quizerdes.

ABBADE.

Já sei que minha filha está muito triste. (*Em*

quanto Maria lhe beija o habito) Mas eu heide resar para que a volta seja breve.

CAPITÃO LEME.

Sim, hade ser logo... até o Espirito Santo.

ABBADE.

Bem, só oito dias.

CAPITÃO LEME.

E' verdade, Reverendissimo, haveis de permittir ainda esta vez que Antonio fique convosco. Deixar os estudos por tão pouco tempo...

ABBADE.

E' verdade;—com muito gosto.

ANTONIO.

Sim, Senhor.

CAPITÃO LEME.

E como vai elle, Reverendissimo? ha tempo que não vol-o pergunto.

ABBADE.

Optimamente; com tanto engenho hade vir á ser um grande homem. E' pena não pertencer á nossa ordem.

OU A PALAVRA D

CAPITÃO LE

E porque não?

ANTONIO.

O mosteiro de S. Bento é
e silencioso para habitação
vado como eu.

ABBADE.

Ouvis, Capitão! elle que

CAPITÃO LE

Quando tratarmos do seu
vosso conselho, e com a obe
tretanto o discipulo imitando
que hade ser feliz por força.

ANNA.

O jantar deve estar na me

CAPITÃO LE

Sim, vamos, meu Padre!

ABBADE.

Não, obrigado; eu e o m
tamos. Aqui vos esperarem

CAPITÃO LE

Pois com vossa licença,

ABBADE.

Até logo.

SCENA III.

ABBADE E ANTONIO.

ANTONIO.

Os meus presentimentos não serão infundados como vos parecerão, Senhor; acabais de ouvir algumas palavras que vos bastão para julgardes impossível, o que dizíeis ser mui provavel. O Sr. Capitão Leme nem se quer prevê este acontecimento que está tão imminente sobre nós! Maria ama-me quanto eu a adoro:—foi um amor concebido com a vida, que já agora não poderá ter fim senão comnosco. Ha predestações, me dicestes vós um dia; eu acredito; sou um exemplo dessa verdade. A minha porém é bem cruel... Amar a filha de um nobre, e ser um engeitado sem nome, e sem fortuna...—o opprobrio e o desespero é sómente o que me aguarda.

ABBADE.

Eis-te ahí!—quem te disse, quem te afirma essas coisas? Sabes, mil vezes t'oi dito,—que o capitão Leme é um homem diverso dos outros, com todas as virtudes do paulista, sem os seus defeitos.

ANTONIO.

Mas neste ponto duvido que elle não pense como os mais.

ABBADE

Conheço-o ha vinte annos, e em todo este tempo uma intimidade de verdadeiros amigos me ha feito reconhecer quanto é elevado o seu character. Fallarei com elle, sei que te estima como filho, e pois espero desmentir-te.

ANTONIO.

O Sr. Capitão Leme esteve ha pouco em casa do Sr. Fernando de Camargo, e diz-me o coração que contractarão esponsaes entre seus filhos.

ABBADE.

Como?

ANTONIO.

O coração não sabe como adivinha. Acredita-o, sim, o meu mal é irremediavel:—minha mãe engeitou-me, podem os homens repellir-me:—que mais é isso? nem sei porque Maria me ama... Em breve, quando lhe explicarem o que eu sou, talvez me repilla tambem, e se envergonhe de me haver amado...—Oh! que culpa tenho eu de não possuir nobres avós!... Mas eu sou nobre, Senhor, tenho aqui (*Mão no peito*) nobresa...sou grande tambem (*Com orgulho*) nesta frente... (*Com tristesa*)—Perdoai-me, Senhor, esta ridicula vaidade... preciso provar ao menos que não sou um cão das ruas.

ABBADE.

D'aqui á pouco te darei a resposta.

ANTONIO.

Não, não! eu vol-o supplico. Sois meu mestre, guiais meus passos, mas não posso consentir que lanceis meu nome ao ludibrio e ao escarneo. Amanhã, hoje mesmo, se fordes mal succedido, todos se rirão de mim na villa de S. Paulo. Não, Senhor—hontem illudia-me, é certo, agora estou em mim, reconheço-me, e resigno-me... o desespero é inutil. Ceda o Sr. Capitão Leme sua filha á quem lhe approuver, seja ella feliz, estou satisfeito. Quanto ao meu amor subsistirá, e me alimentará sempre: que importa que a não possua, que viva ella com outrem? Aqui á tenho! (*Mão no peito*) têt-a-hei sempre no coração! Assim é que eu a amo, Senhor,—assim como vos digo á face do Céu. Vêde pois se necessito de desposal-a!...

FERNANDO DE CAMARGO, *fôra*.

O Sr. Capitão Leme dá licença?

ANTONIO.

Fernando de Camargo!—duvidai ainda! (*Vai-se*).

SCENA IV.

O ABBADE E FERNANDO DE CAMARGO.

ABBADE.

Podeis entrar... com o favor do Sr. Capitão Leme...

CAMARGO.

Oh? vossa Reverendissima!

ABBADE.

Que surpresa agradável, Sr. Fernando!

CAMARGO.

E que vergonha para mim que ainda não fui beijar vosso habito! hontem cheguei, e hoje tencionava ir cumprir a minha obrigação.

ABBADE.

Saciar saudades, que as do Sr. Capitão Leme não hão de ser maiores.

CAMARGO.

Sempre bom e generoso como um Santo.

ABBADE.

Sómente muito vosso amigo.

CAMARGO.

De certo, eu o reconheço, e por isso espero que me façais um serviço que só de um amigo como vós posso esperar.

ABBADE.

Dizei:—mandais em todo o convento; d'a-

quellas portas á dentro todos estimão e venerão ao Sr. Fernando de Camargo, e aos seus filhos e irmãos. Mas que succedeo?—algun novo desastre entre vós e os Pires?...

CAMARGO, *rancoroso*.

Não, nada disso; os Pires não temo eu, nem para combatel-os demandára a vossa intervenção de paz; porque já agora entre os Pires e os Camargos só póde haver sangue e morte... (*N'outro tom*).—Um de meus filhos pretende a mão da filha do nosso amigo Capitão Leme, e para conclusão pacífica e honrosa deste negocio é que invoco o vosso auxilio poderoso. Sempre foste dedicado ao bem do proximo, e protector incansavel das causas legitimas; por isso conto convosco.

ABBADE.

Senhor... eu... (*Com embaraço*).

CAMARGO, *continuando*.

O Capitão já me deu a sua palavra. Sua filha porém nada me dice, nem me dirá sem duvida. Ella hade em todo o caso obedecer á vontade de seu pai; mas eu quizera que o fizesse sem constrangimento. Vós que tendes aqui toda a intimidade, e que sois até o confessor d'ella, podeis persuadil-a a desposar meu filho de boa vontade.

ABBADE.

Muito me pedis, Sr. Fernando de Camargo!

Não posso, nem devo intervir como vós que-
reis... esse casamento é um mal.

CAMARGO.

Como? o que é que dizeis!

ABBADE.

Digo-vos; e deveis sabel-o. que a filha do Ca-
pitão Leme recusará sem duvida esse consorcio
que projectais; porque ella ama á Antonio,—e
espera um dia casar-se com elle.

CAMARGO.

Que! pois o engeitado atreveo-se?!...

ABBADE.

São coisas que acontecem, Sr. Fernando.

CAMARGO.

Oh! mas é uma insolencia não conhecer esse
miseravel o seu baixo nascimento, e querer as-
sim competir com o filho de um nobre. Como
vós que o sabeis, Sr. Padre, não o castigastes com
a vossa autoridade?

ABBADE.

Porque a minha caridade lhe havia perdoado.
E de mais, não sei que differença haja entre vós
e elle:—Jesus Christo, o Divino Mestre da mo-

ral, pregou incançavel a igualdade, e morreu na Cruz por todos igualmente.

CAMARGO.

Sim, na mesa da communhão somos todos iguais e irmãos; mas cá fóra. . .

ABBADE, *severo*.

Cá fóra dizeis! e o que é a mesa da communhão sinão um exemplo d'essa doutrina santa da fraternidade social? e o que significa ella sinão a vida e a sociedade?—(*Animando-se*). Filhos do mesmo pai, com as mesmas promessas do céo, lá se reúnem, como uma só família, os grandes, e os pequenos, os fidalgos e os plebeos . . .

CAMARGO, *seccamente*.

Em fim não sou capaz de contestar-vos; mas lembrai-vos que já estais fallando do céo, e nós ainda estamos no mundo. Não está em casa o nosso Capitão Leme?

ABBADE.

Está, ide por aqui (*Apontando-lhe a porta*).

CAMARGO.

Ficais?—Até logo.

ABBADE.

Até logo.

SCENA V.

ABBADE, só.

Desagradei-vos, bem sei, Fernando de Camargo; mas tende paciência, e Deos vos abra os olhos, e tambem me abra os meus! (*Pausa e senta-se*). Mas que farei em favor do pobre Antonio? Exigir da honra a retratação de suas promessas fôra zombar dos Paulistas, e escarneccer do severo Capitão Leme. Deixar Antonio entregue ao mais cruel desespero... Quanto daria eu por não me vêr assim rogado inutilmente! — Se fosse um peccado para absolver, repetiria as palavras do Divino Mestre da caridade, e tudo estaria perdoado, e esquecido para sempre!... — Fernando de Camargo! este só nome me quebra o animo, e me arrefece a esperança! Elle apraz-se deste consorcio, é impossivel dobrar sua altivez inflexivel! — Meu Deos, meu Deos! em vossas mãos deponho a afflicção d'esta familia; fazei o que fôr melhor para elles, o que fôr a Vossa Vontade Divina!

SCENA VI.

ABBADE E CAPITÃO LEME.

CAPITÃO LEME, *afflicto*.

Padre! sacrifiquei minha filha!

ABBADE.

Como?

CAPITÃO LEME.

Cedi-a á um filho de Fernando de Camargo, que pedio-me a sua mão.

ABBADE.

Pois julgais que não fizestes bem?

CAPITÃO LEME.

Fiz mal padre, fiz; sacrifiquei-a. Fernando de Camargo hoje a pedio solemnemente para um de seus filhos, eu prometti-a, dei a minha palavra de honra. Agora porém diz-me Anna que Antonio, e Maria amão-se, que meus cuidados são reaes, que forão inuteis, e baldadas tantas advertencias minhas; porque eu não queria verme forçado a fazer uma aliança tão obscura para minha familia...

ABBADE.

Não... não desesperéis ainda, meu amigo. Deos é grande, o mal não prevalecerá contra vossa casa.

CAPITÃO LEME.

Deos o queria, e falle pelas vossas palavras. Mas vós não sabieis, padre? Antonio nada vos disse?

ABBADE.

Eu o soube, é certo; mas hoje, e já depois

de haverdes sellado com a vossa palavra esse contracto.

CAPITÃO LEME.

Oh! talvez ainda fosse tempo! E que me importava que dicessem depois que minha filha estava casada com um engeitado, que eu tinha um genro sem nome e sem familia, filho de nada, ou das ruas? Que me importavão estas vaidades banaes do mundo, com tanto que meu genro vivesse honradamente, e minha filha fosse feliz!—Ah! padre talvez deva queixar-me de vós...

ABBADE.

Eu o soube, como já vos disse, depois de haverdes dado a vossa palavra em penhor d'esse contracto... Nem fostes precipitado, vós tudo ignoraveis. Entre tanto eu tenho esperanças, vós sois virtuoso, vossa filha é uma virgem sem mancha, vossa mulher é uma santa matrona. A virtude não póde soffrer as penas do vicio:—sua recompensa começa sempre cá em baixo. Esperai, meu amigo, esperai só em Deos.

CAPITÃO.

Deos o permitta!—Só um milagre poderá fazer-a feliz com um homem que ella não ama nem amará jámais.

ABBADE.

Hade ser feliz e amada por seu marido.

CAPITÃO LEME.

Um milagre, só um milagre...

ABBADE.

Não é preciso milagre, basta um pouco de fé em Deus...

CAPITÃO LEME.

Fé tenho eu, padre!—ainda que fosse um malvado nesta hora de tamanha aflicção, por força me lembraria de Deus! Mas não basta a fé, era preciso um passo unico, decisivo, fatal... E eu não o dou, não devo dar—a minha honra, este dever sagrado, esta virtude cruel que tanto se admira e bem diz, já me impoz silencio, já me fez curvar a cabeça e receber o golpe!... —Ah! (*Com rescutimento*) dizem que a honra vale mais que a vida, que tudo... quizêra que me dicessem si vale mais do que una pobre e innocente filha como a minha Maria!

SCENA VII.

OS MESMOS E FERNANDO DE CAMARGO.

CAMARGO.

Vascillais, Capitão?—Vêde que já me déstes vossa palavra...

CAPITÃO LEME, *dissimulando*.

Cumpril-a-hei, Sr. Fernando! Cuidava que fa-

ria a felicidade de minha filha; ignorava esse amor occulto, que nascêra e crescia ao pé de mim, entre estes dois irmãos. Não previ logo que asgraças de Maria havião de avassalar por força aquella alma nobre e generosa.

CAMARGO.

Pareceis-me arrependido!

ABBADE.

Não, nem pensal-o!

CAPITÃO LEME.

Oh! não!—que importão estas vãs murmurações do coração, a honra está muda e firme, cumprirei minha palavra . . . com todo o gosto. (*Constrangendo-se*) A aliança da minha com a vossa familia é tão vantajosa e lisongeira para mim, que eu não podia hezitar um momento em dar ao vosso filho a mão de minha filha.

CAMARGO.

Tambem não podeis duvidar da minha satisfação neste negocio. Logo que soube que um de meus filhos pretendia a vossa filha, vos propuz uma aliança de familia. Não quero portanto que acheis esta minha proposta menos digna.

CAPITÃO LEME.

Não, nunca, Sr. Fernando! Vós sois uma das

principaes pessoas da republiaca, um dos paulistas de maior conceito e valimento, e por isso não deveis suppor que eu não accitasse de bom grado o que me propuzestes. Antonio, como o sabeis, é quasi meu filho;—sou á respeito delle tão parcial como todos os pais á respeito de seus filhos.

CAMARGO.

Oh! eu tambem não queria offendel-o; pois bem!—Agora, visto que fazeis gosto, ajustemos o resto. . .

CAPITÃO LEME.

Eu vou hoje para o sitio, e volto para a festa.

CAMARGO.

Concluiremos então tudo, bem. O Sr. Padre nos arranjará os papeis.

ABBADE

Não hade haver falta.

CAMARGO

E adeos,—tenho ainda muito que fazer. Até á volta, Senhor. . .—meu parente e amigo Capitão Leme, que assim nos devemos chamar d'ora em diante.

CAPITÃO LEME.

Sim, Senhor, meu. . . amigo e parente.

ABBADE.

Até logo tambem, Capitão. (*Dispondo-se á partir*).

CAPITÃO LEME.

Não, ficai, não tendes negocios que tratar...

CAMARGO.

Pois fiquem-se em paz, e adeos. (*Vai-se*).

SCENA VIII.

CAPITÃO LEME, ABBADE, E DEPOIS ANTONIO.

CAPITÃO LEME.

Vêde, meu padre!—se é possível conceber-se uma esperança na minha situação! Converti, sem o pensar, a minha casa tão alegre e festiva n'um azylo de tristesa e luto para sempre!...

ABBADE.

Temos ainda oito dias, que talvez nos corraõ em bem ajudados de Deos.

CAPITÃO LEME.

Duvido, duvido muito.

ANTONIO, *entrando*.

Perdoai-me, Senhor, se venho interromper-

vos; mas cumpre-me não perder um instante. Sabeis que vos lanção em rosto, como uma injúria, a caridade com que me acolheis em vossa casa, e me distinguís em vosso coração. Não posso, pois, consentir que assim vos desconheça e vos macule este povo ignobil: deixo vossa casa, amanhã estarei em S. Vicente, d'onde me transportarei ao Rio de Janeiro ou á Bahia para alistar-me entre os bravos que disputão palmo á palmo a nossa terra ao estrangeiro cubiçoso. Se eu voltar vos trarei um nome honrado pela victoria ganha á preço de sangue e risco de vida... Se eu morrer porém...—lavo ao menos com o sangue, derramado na santa defesa da patria, essa afronta que vos cobre por haverdes chamado de filho—á um engeitado.

CAPITÃO LEME, *consternado.*

Oh! Antonio! bem conheço o motivo dessa resolução desesperada! bem comprehendo o alcance de tantas coisas tristes que me diceste! Mas não te queixes de mim, não me tires meu derradeiro consolo,—a certeza de que reconheces o meu infinito desgosto. Este padre é testemunha... pergunta-lhe se podes queixar-te de mim.

ABBADE.

Não, certamente!

ANTONIO.

Eu queixar-me de vós, Senhor!—posso acaso queixar-me de Deos?—Não, só ao destino in-

crépo os meus pesares e os vossos. Quem mais será culpado?

CAPITÃO LEME.

Eu, só eu; porque não tive bastante perspicacia para prever o futuro, e acautelar-me. Mas eu te peço, não me abandones. . . já agora estou velho, poucos dias me restão. . . depois irás para onde te approuver. . . olha estou triste e commovido! Serão lagrimas? . . . (*Apalpando os olhos*) são, e doíeis que são; choro, pois, como uma mulher, como uma criança!. . . Que mais queres, Antonio?—ainda queres abandonar-me, filho?! Sim, (*Abraçando-o*) tu és meu filho, como se fôras o meu sangue e a minha vida! (*Suffocado*).

SCENA IX.

OS MESMOS E MARIA.

MARIA, *em pranto*.

Meu pai, meu pai! não me caseis com esse homem. . . não deveis casar-me com elle! Perdoai-me, estou afflicta e desesperada, perdoai-me pelo amor de Deos, se vos desobedeço. . .

CAPITÃO LEME, *em desatino*.

Todos pois contra mim?! . . .

TODOS.

Ah! não! . . .

ABBADE.

dôr vos allucina!

ANTONIO.

—Pedi-me vosso filho, e pedi-vos licença
para ir aos campos da batalha, onde os homens
como eu, renascem grandes, e heróes,
e não sou mais do que louro com que cobrisse esta nodosa
cabeça, para vos poder chamar de pai,
e não ter corar de vergonha... Agora se
me derdes provas, exigí minha cabeça!...

MARIA.

—Ah!... (*Vascillante*) Ah! mas casa-
da...
...

CAPITÃO LEME.

—Em tamanha desventura? Minha fi-
lha que eu retire a palavra dada, e que
quando passar por essas ruas, me digão
—«Eis ali um traidor, um falsario,
o filho indigno dos Lemes, e ver-
gosa terra?» Queres que digão isto de
nossa terra?

MARIA.

—... para sempre!

ABBADE.

—Não ha desgraça senão no pec-

cado, ou no crime:—a virtude tem o seu maior encanto no martyrio. O amor que nasce dos sentidos é uma paixão funesta;—precario e contingente, como elles, engana e desvaira. O verdadeiro amor, que faz o bem supremo deste mundo, tem uma origem mais nobre, é o culto da virtude, bello sentimento de um coração generoso. . . Assim amarás e serás amada.

CAPITÃO LEME.

Sim, Maria! tu serás feliz, se ha felicidade sobre a terra. Aceita a mão do filho de Fernando de Camargo: bem sabes que este homem é rude e tenaz. . . (*Com emphase*) rude e tenaz, ouviste, minha filha? Pois bem; já lhe dei minha palavra, escravisei-me. . . Eu te peço, Maria! ajoelho-me para pedir-te. . .

MARIA.

Meu pai! . . . (*Recuando*).

ANTONIO.

Senhor! . . . (*Com estupefacção*).

ABBADE.

Homem honrado!

CAPITÃO LEME.

Sim,—um pai aos pés de sua filha pedindo que lhe salve a honra?

ANTONIO E MARIA, *á parte*.
Ah!

CAPITÃO LEME, *supplicante*.

Maria!. ..

MARIA.

Casada, perdida, ah!. .. (*Cae desmaiada*).

CAPITÃO LEME.

Minha filha! minha palavra honra. ..

(*Cae o panno*).



ACTO II.

Terras do sitio do Capitão Leme : — grammado extenso, ao longe capoeiras e montanhas com vestigios de derrubada e plantação ; — a esquerda o alpendre da casa, e outros edificios. E' alto dia.

SCENA I.

Ao levantar-se o panno alguns escravos atravessão o fundo com maxados e fources ;—depois o—CAPITÃO LEME, só.

CANTO DOS ESCRAVOS.

1.º CÔRO.

Ah! nem bem desponta o dia
Já o pobre escravo se ergue,
E sem que ainda enxergue
Vai a tarefa encetar.

2.º CÔRO.

Enxada, maxadão, e fource,
Corta, derruba ligeiro ;
—Meu senhor interesseiro
Não quer descanso e vagar.

1.º CÔRO.

Arda o sol, allague a chuva,
A tarefa continúa,
Em quanto não vier a lua,
Em quanto o dia brilhar.

2.º CÔRO.

Enxada, maxado, e fouce,
Córta, derruba ligeiro:
—Meu senhor interesseiro
Não quer descanso e vagar.

1.º CÔRO.

Alta noite sobre á terra
Deite-se o escravo arquejando,
E não duima se lembrando
Que nasceu p'ra trabalhar.

2.º CÔRO.

Enxada, maxado, e fouce,
Córta, derruba ligeiro:
—Meu senhor interesseiro.
Não quer descanso e vagar.

CAPITÃO LEME.

Oh! quanto eu daria, com tudo, por uma enxada e por um coração como o vosso, minha pobre gente!—Tendes razão de queixar-vos;—mal haja o homem que primeiro se lembrou de tirar-vos de vossas brenhas felizes, para vos

vender á barbaridade de outros canibaes! . . . Vender seus irmãos: trahir por preço vil a consciencia, Deos e a natureza! Amaldiçoados sejam para sempre os traficantes, principalmente esses que vão aos mares d'África pescar homens, como se iscão os peixes, oh! maldição eterna sobre esses mais que ladrões, que assassinos, que anniquilárão a liberdade do Africano, e o atárão a dura braga do captiveiro! . . . —Queixai-vos sim, não de mim que sou mais vosso amigo, que vosso senhor; —queixai-vos do captiveiro, lançai vosso brado lugubre e choroso ás ultimas gerações até o fim do mundo, até o dia do juizo inexoravel de Deos! (*Pausa, profundo recolhimento, e tristeza*). Mas que maguas tambem as do homem livre! —captiveiro da honra, a opinião o julga desapiedadamente, e muitas vezes lhe é forçoso deixar de ser homem para ser honrado. O meu estado, o infortunio que prostrou-me hontem desabrido como um raio, prova assaz o martyrio do homem, que a sociedade fez escravo da palavra! (*Senta-se sobre um tronco de arvore*) que supplicio nestes sete dias para um pobre velho, e que esponsaes para minha filha! —Ella está resignada, hostia pacifica vota-se ao sacrificio sem ao menos exhalar um suspiro! . . . —O' Fernando de Camargo! ó rocha impedernida, que não sentes a minima parte deste fogo que accendeste aqui dentro (*Mão no peito*), e me devora! . . . Se sôras homem arrojára-me aos teus pés, e supplicára-te a vida para mim, e a felicidade para minha filha; mas tu és. . . —O tigre, como te chamão, e nas tuas garras despedaças toda a minha familia! . . . (*Cobre o rosto com as mãos—pausa*).

SCENA II.

ANNA.

Senhor! procuro-vos por toda a parte.

CAPITÃO LEME.

Aqui me tens, Anna. Nossos filhos... que é d'elles?

ANNA.

Maria está em casa; Antonio sahio pouco depois de vós, e ainda não voltou.

CAPITÃO LEME.

Foi de certo procurar refrigerio por esses campos... coitado; hade encontrar o mesmo que eu obtive.

ANNA.

Mas vinde, Senhor! tomar algum descanso e alimento; tão atribulado passastes a noite, e tão enfastiado vos vi hoje, que deveis ter cuidado...

CAPITÃO LEME.

Não, Anna, deixa-me, não tenho fome, não tenho nada, estou bom. O que eu padeço não me alivia a comida, nem o descanso e o somno; Deos sim o podia, mas não o quer; seja feita a sua vontade.

ANNA.

Ah! dizeis coisas... Senhor... (*Afflicta*).

CAPITÃO LEME.

Pois que! — Devo accusar a providencia? Muito o temia eu, Anna, e bem t'ó disse, estás lembrada; mas illudio-me tua cegueira... Se soubesse não soffreria, como soffro; com prazer os abençoára á ambos. Sim, cheguei a pensar nisso, não te minto, a vél-os com satisfação passarem de irmãos á esposos, transfigurados pela felicidade de uma união perpetua. Pensei nisto devéras, confesso-o... Julga se não tenho agora razões de sobra para morrer...

ANNA.

Ah! Senhor... Mas bem vêdes quem é Antonio:—Nunca poderia ser nosso genro.

CAPITÃO LEME, rindo tristemente.

Professas para consolar-me uma opinião que tu nunca tiveste! obrigado, Anna, agradecido. Mas não creias que me basta essa vã consideração para meu consolo. O que é a familia?—suas crenças e costumes; o nascimento não deve jámais entrar em conta. Livre ou escravo, nobre ou plebeo pôde o homem ser honrado, virtuoso, e até illustre...—o que illustra são sómente acções brilhantes. Quantos cavalheiros e fidalgos ahí andão despresados por seus costumes vis?—Na minha opinião, Anna, An-

tonio é tão nobre como eu: se elle me tivesse revellado, se tu não me occultasses a verdade... Mas agora tudo está acabado e extinto, cumprirei minha palavra... (*Com tristesa*). Meus filhos estão criados, deixo com que viverem todos commodamente, é desnecessario a minha vida—só á minha honra cumpre sobreviver-me...!

ANNA.

• Meu Deos!—que vos vejo tão triste, e lastimado, Senhor! Tomai ao menos cuidado com a vossa saude, vêde que adoeceis.. .

CAPITÃO LEME, *pensativo*.

E heide morrer disto, Anna! Sinto que este golpe me fere de morte! Era mesino preciso um desgosto profundo e mortal para estragar esta minha robustez! Assim succede á todos... Ao menos este desgosto me mata e me incanta: morro por meus filhos, morro por minha honra!... (*Pausa, soluços e lagrimas*).

ANNA.

Como está triste desta vez o sitio!... Nem sei para que aqui viemos.

CAPITÃO LEME.

Foi bom, Anna; foi para podermos chorar em liberdade:—na villa ha olhos curiosos e linguas malevolas, que tudo calumnião. Aqui espero resignar-me para lá apparecer com o coração

tranquillo, e o rosto satisfeito. Assim o querem os homens; assim Deos permitta. Que horas serão, Anna!

ANNA.

Mais de tres horas, Senhor.

CAPITÃO LEME.

Oh! (*Observando o céo*) é verdade, o sol vai já declinando... Não fazia que fosse tão tarde... nem sei mais de mim! (*Formalisando-se*). Que fizeram hoje? que serviço está feito, Senhora?

MARIA.

Hoje... pouco se fez; como vós andaveis por fóra, sairão os carros para o mato...

CAPITÃO LEME.

E farinha?—tão pouca havia hontem...

ANNA.

Estão fazendo,—já não ha mandioca.

CAPITÃO LEME.

Sim, sim havemos de renovar e augmentar a plantação neste anno... (*Tristemente*) os que viverem, não eu...

ANNA, *pressurosamente*.

Vós, vós mesmo! haveis de viver muito, Deos

é grande. E vinde para casa, vamos jantar, que é tarde.

CAPITÃO LEME, *admirado*.

Pois tu?!...

ANNA.

Estavamos á vossa espera.

CAPITÃO LEME, *consternado*.

Queres adoecer, Anna! e Maria, a coitada de Maria até as tres horas... seja tudo pelo amor de Deos! (*Olhando ao longe*). Oh! lá vem tambem Antonio;—como anda cabisbaixo e melancolico! (*Chamando*). Antonio, Antonio! levanta a cabeça; é para o céo que deves olhar, meu filho.

ANNA.

Está caçando, Senhor! não vêdes que elle traz a arma?

CAPITÃO LEME.

Traz, sim:—eu tambem levava o meu podão, e só agora me lembrei de que o tinha.

SCENA III.

OS MESMOS E ANTONIO.

ANTONIO.

Chamastes-me, Senhor?

CAPITÃO LEME.

Chamei-te, sim, que andas fazendo, meu filho, sem jantares até esta hora? Vamos, hasde alimentar-te, é preciso; e de mais, não tens razão para fastio. és moço, rico. . . Olha: metade disto que vês é teu, vou fazer o meu testamento. . .

ANNA, *em desespero.*

Ah! Senhor, fallais em testamento?!

CAPITÃO LEME.

Que tem isso? não é já a morte; todos devem dispôr seus negocios, porque essa hora as vezes suprehende. (*A' Antonio*). Mas como te dizia, Antonio, vou deixar-te no meu testamento metade dos meus bens.

ANTONIO.

Não, Senhor; se tive ambições, se n'um momento de allucinação pude crêr na bondade dos homens, na sua commiseração para com aquelles que lutão com a baixesa do seu nascimento para se elevarem acima do seu nada sob o prestigio de uma vida sem macula, de uma virtude gerada e cultivada com inauditos sacrificios. . . se pude esperar esta commiseração para quem, nada sendo em seu berço, estudava bellas acções para enobrecer-se. . . Se pude conceber isto, Senhor, desculpai-me porque eu amava, e com a força do meu amor subia até ás aspirações dos homens predestinados! Hoje, cahindo dessas re-

giões sublimes com o meu amor na realidade do mundo, confesso o meu nada, e só me pesa haver-o um momento esquecido. Vós, Senhor, sois grande, tendes uma ascendencia illustre, a reputação de que gozaes não é sómente vossa. O meu nascimento é baixo: o meu nome deve passar sempre obscuro e ignorado.

CAPITÃO LEME.

Não, Antonio,—tu tens engenho, e és virtuozza; illustrarás teu nome.

ANTONIO.

Só na vossa opinião; a sociedade pensa de outro modo. Mas que importa?—nada lhe devo, nada espero merecer-lhe. A fatalidade atirou-me talvez por escarneo no mundo, só, e isolado, como um homem de mais, como uma superfluidade da criação. Não sei d'onde vim, seria loucura querer saber para onde vou...—Na minha senda mysteriosa—não serei eu que me detenha com saudades do passado, nem apprehensões do futuro. Ensinarão-me a crer, tinha necessidade...creio n'um fim:—mas como esses rios caudalosos que rolão descuidadosamente as suas aguas, viverei sem indagar á que mares desconhecidos levo a corrente dos meus dias. Agora entranhando-me nesses embrenhados sertões achei amena a sua sombra, grato o seu silencio, e sublime o seu retiro:—tive desejos de ali ficar, só como nasci, aguardando o meu fim, como os giquitibás e os rochedos. Mas

aqui estou errante e triste, o meu lugar não existe; debalde o buscaria sobre a terra.

ANNA.

Sim; Antonio!—porque o teu lugar é aqui, meu filho! (*Abraçando-o*).

CAPITÃO LEME.

Antonio! conheço teu character, e avalio o teu soffrimento; não te exprobarei essa linguagem com que me fallas. Mas escuta-me: estás no albor da vida, esta ligeira nuvem em breve se dissipará para deixar ao teu porvir todo o seu esplendor. A minha honra te rouba a infeliz Maria:—o que póde consolar-te? Eu não recuarei ante o maior sacrificio para reparar essa perda, com tanto que não me exijas a retratação de minha palavra, porque eu...—o homem deve morrer honrado. Mas dize-me: ha por ventura ainda alguma Paulista que te possa merecer?—irei pedil-a, empenharei tudo que tenho e valho para alcançal-a. Dize, falla com franquesa, é teu pai que te provoca: ha alguma Paulista á quem possas ainda amar?

ANTONIO.

Vivereí eu outra vida?—Senhor! a minha alma está soçobrada de todo. Nada exigi de vós, senão a vossa benção com o perdão das vossas dôres... nada mais apeteço de quanto existe; as minhas ambições se esvaccêrão ao sopro da desgraça. . .—Não lutarei com ella, não darei

aos homens o espectáculo de uma resignação forçada, ou de um martyrio ridiculo. Sim, Senhor! eu estou perdido, para vós, para mim mesmo, e talvez tambem para a eternidade... No meu espirito fragil despontou uma crença á qual as outras se filiarão: aquella desapareceu, estas se extinguirão pouco á pouco totalmente. No meio de tantas decepções que sou eu já? para que posso servir-vos, Senhor?

CAPITÃO LEME.

Para me fechar os olhos, Antonio! e não está longe esse praso.

ANNA.

Ah! Senhor! não falleis assim, que matais a todos que vos ouvem!

CAPITÃO LEME.

Porque, minha Anna?—julgas que este dia não hade vir? crés que ainda possa estar longe com tudo isto que soffro actualmente? Ainda que fosse immortal, enlutando com as minhas proprias mãos a minha familia, fazendo a desgraça de dois filhos que eu amava sobre tudo, e dizerem elles no auge de seu padecimento:—«Meu pai é a causa!...» Ah! nem sei como estou vivo ainda!...

ANNA.

Não, Senhor! elles não vos culparão, porque sabem que fui eu quem vos occultou toda a verdade.

ANTONIO.

Foi sómente um acaso! E quantas vezes circumstancias fortuitas produzem grandes acontecimentos! Vêde:—uma casualidade me trouxe á luz do dia, outra me lançou na vossa porta, em vez de outro qualquer lugar, me fez conhecer vossa filha, e esquecer por ella tudo. Se não fosse este concurso de circumstancias isoladas que um simples acaso reunio, nem eu era nascido, ou talvez podesseis evitar o vosso inutil infortunio. Dai pois ao acaso o que lhe é devido, e reconhecereis que não tendes de que arguir-vos.

ANNA.

E' verdade, são desgraças que acontecem.

CAPITÃO LEME.

Entremos em casa, filho! Vem alimentar-te, é preciso!... (*Entrão no alpendre*).

SCENA IV.

CANTO DOS ESCRAVOS.

1.º CÔRO.

Por detraz d'aquella serra
Já vai o sol se escondendo,
E a amiga noite escura
O silencio vem trazendo.

MARIA.

Vós sois um desses, cu o sei, e prevejo pelo que também se passa em mim.

ANTONIO.

Vós, Senhora D. Maria Leme de Camargo?!!

MARIA.

Antonio! serás também injusto, e vulgar como os outros?

ANTONIO.

Não, Senhora!—dou-vos apenas o vosso verdadeiro nome, faço o meu dever. Eizei-me; ha no vosso passado mais do que flores da innocencia e risos da infancia? O vosso presente é uma doce esperanza, que em breves dias se converterá n'um futuro de delicias:—sois uma noiva, estais na quadra mais risonha da vida de uma mulher... Oh! não ancióis?—dizei-me:— não se arrastão vagarosos estes dias? Vosso coração não palpita discorde e atropellado? não sentís profundas e desconhecidas emoções?...

MARIA.

Agora as sinto mais profundas e dolorosas;— porque buscava refrigerio na tua presença e consolação nas tuas palavras, e me recebes com o enfado no rosto e o despeito nos labios...—á mim que sou tua?!... Antonio!...—Ah! con-

sente que eu te chame o meu Antonio; se não és meu, a ninguém mais pertences no mundo! Mas o que querias tu?—meu pai tudo ignorava.

ANTONIO.

Senhora! eu não vos accusei:—no excesso de minhas dôres á ninguém increpei o meu destino. Filha do Sr. Capitão Leme só vos podia merecer um Camargo, ou um Bueno. Fôra insanía e loucura no engeitado...

MARIA.

Antonio! quem tambem vos engeitou?

ANTONIO.

Quem? feliz de mim se pudesse responder-vos!

MARIA.

Não eu, que vos julguei sempre mais bello e mais nobre do que esses que ahí se chamão nobres senhores, e como um grande e poderoso rei—te amava cheia de admiracão e respeito. Nunca tive um pensamento, nem dice uma palavra, á que te não associasses como principio, ou como consequencia:—tu eras a minha vida! Se te via alegre, sorria, se estavas triste chorava... Negal-o-has tu?

ANTONIO.

Que ventura teria em confessal-o?

MARIA.

Ah! mas é verdade;—digão-o estas arvores, estas montanhas, á cuja sombra amena tantas vezes gozamos da ventura de nosso amor de infancia tão puro, tão terno, e por isso tão passageiro e desditoso...—Antonio! chamaste-me de noiva... melhor dirias—a irrisão de um noivado: levão-me para o altar, como me conduzirão ao sepulchro... O meu vestido branco será uma mortalha de virgem que envolverá um cadaver inanimado e frio para elle!

ANTONIO.

Oh! sim, morrermos ambos, aniquilados n'um abraço, primeiro e verdadeiro de nossos curtos amores!... dormirmos o somno das nupcias no thalamo do sepulchro, e despertarmos já no céo, onde não ha grandes nem pequenos, mas sómente a eterna bemaventurança! (*Com fogo*). Anjos, anjos de Deos! (*Serenando-se*). Porém não! nem na morte podemos unir-nos!... Era um delyrio apenas o futuro que soñhávamos nessas horas de suave enlevo ao suspirar, da brisa tepida e perfumada de uma bella tarde, ou de uma manhã serena. Perdôa, Maria! mas esta natureza toda nessas horas de delicias que só uma alma como a minha podia bem comprehender, falla-me uma linguagem... Oh! muitas vezes ouvia-a na minha contemplação dizer-me—*ama!*—E á quem amaria eu senão a ti?—á quem renderia essa homenagem senão á ti que eras a rainha da natureza!

MARIA.

Foi destino, Antonio!—eu o bem digo ao menos por esses momentos de prazer e de gloria que me bastarão, se eu pudesse livremente dispor de minha vida. Mas meu pai...—Devo, devemos submeter-nos á sua vontade, ou antes á sua honra; basta o desgosto de que é victima.

ANTONIO.

Sim! cumpre-nos abaixar a cabeça, nem eu tentei resistir ao golpe que me fere. Era muito, era de mais para mim uma familia, uma esposa, um anjo, um céu contigo na terra. Agora separemo-nos: vóa aos braços de teu esposo, leva-lhe contigo a minha alegria, a minha esperança, o meu futuro, a minha vida... Eu... que farei eu de mim?!...

MARIA.

Tu?!... Ainda não, Antonio!—estas horas ainda são nossas; podemos ao menos recordar o passado e armar-nos de coragem para a tremenda despedida.

ANTONIO.

Não, separemo-nos.—Já um abysmo nos separa... Teu esposo te occultará ás minhas vistas, mas d'aqui (*Mão no peito*) não te arrancará elle nunca! Precisava de uma imagem de mulher para bem dizer e adorar, será a tua!... (*Pausa, soluços e lagrimas*).

O' de casa! ABBADE, fôra.

ANTONIO.

O Abbade! sua presença aqui...

MARIA.

Céos! se uma esperança...

SCENA VI.

OS MESMOS E O ABBADE.

ABBADE.

Adeos, meus filhos!—certo que me não espereis nestas alturas. (*Em quanto Antonio e Maria lhe beijão o habito*).

ANTONIO.

Não nos dicestes nada.

ABBADE.

Tentei debalde dissuadir ao filho de Fernando de Camargo; inflexivel como seu pai persiste no que primeiro resolvêra. Fernando de Camargo, com quem tambem fallei, escreve ao Capitão pedindo-lhe que se conclua esse negocio amanhã, porque elle tem de retirar-se quanto antes para Pernahiba. Assim pois, meus filhos, coragem, ou antes, esperança em Deos!

ANTONIO.

Esperança, Padre! para que me recomen-
dais essa fria palavra?—vêdes o abysmo debaixo
dos nossos pés, e dizeis—esperança!

SCENA VII.

OS MESMOS E CAPITÃO LEME.

CAPITÃO LEME.

O' meu amigo! fizestes bem de vir; termos
no infortunio um homem como vós á nosso lado
é estarmos mais proximos de Deos. (*Abração-
se*).

ABBADE.

Trago-vos uma carta de Fernando de Ca-
margo.

CAPITÃO LEME.

Dai-m'a;—que mais exige elle de mim?

ABBADE.

Pede-vos, é só isso, que seja amanhã. . . (*Si-
lencio, em quanto o Capitão Leme lê em voz
baixa a carta que lhe deu o Abbade*).

SCENA VIII.

OS MESMOS E ANNA.

ANNA.

Senhor Padre! (*Beijando-lhe o habito*) o que succedeu?

CAPITÃO LEME, *com severidade.*

Senhora! amanhã á tarde receber-se-ha em matrimonio a nossa filha Maria com um filho do Sr. Fernando de Camargo. Vamos já para a villa!

ANTONIO E MARIA.

Ah! (*A' parte*).

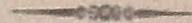
ANNA.

Seja tudo pelo amor de Deos.

ABBADE.

Deos faça o que fôr sua vontade?

(*Cahe o panno*).



ACTO III.

A mesma decoração do primeiro acto, de tarde.

SCENA I.

ANTONIO, só.

Mais uma hora, e depois... a benção do sacerdote que lhes dê a vida e a felicidade me trará á mim também... mais do que a morte... —o desengano eterno!... Ah! se eu pudesse morrer! se eu cahisse agora aqui, como ferido do raio!... mas estou tão robusto! parece que as dores me avigorarão mais... Ah! se eu pudesse enlouquecer! se pudesse rir-me doudamente das minhas proprias dores!... que será de mim amanhã, hoje mesmo!... Deos, Deos! de que vos serve a minha razão?!... porque quereis o meu martyrio?! Eu soffro, soffro o que ainda ninguem soffreu, nem vós padecestes desde o Horto até o Calvario, e desde a Cruz até o céo! O odio dos homens vos cubrio o corpo de ulceras e sangue; mas o seu desprezo dilacerou esta alma innocente, e já não ha conforto para mim na terra!... A loucura, só quero a loucura!—a dôr infinita, insupportavel, que desvaira, que endoucece! (*Caha sobre a cadeira e aperta a cabeça sobre as mãos convulsivamente—pausa*). Eil-a que para aqui se encaminha, a miseranda! não quero vê-la mais, não tenho ani-

mo!... A loucura. (*Sahindo*) a loucura, para não soffrer mais; para ficar frio e impassivel como estas quatro paredes!...

SCENA II.

ANNA E MARIA.

ANNA.

Coragem, Maria!—senta-te aqui, e espera um pouco que teu pai não tarda.

MARIA.

Sim, (*Sentando-se*) eu estou resignada; ainda que fosse preciso provar com a vida a minha obediencia eu o faria, minha mãe. Muito me pesa aquella hezitação .. mas não estava em mim...

ANNA.

Ah! teu pai desculpa-te; conhece a tua bondade.

MARIA.

Bondade?!—e qual é o dever de uma filha se não obedecer até os caprichos de seu pai? (*Com altivez*). Eu me orgulho de sacrificar-me por elle!

ANNA.

Não, filha! tu não te sacrificas: o Sr. Camargo hade estimar-te muito.

MARIA.

Se elle fôr bom ao menos... —hade compadecer-se de uma pobre, que vai entregar-lhe sua vida sem murmurar, nem queixar-se.

ANNA.

Elle te ama, sei que te ama.

MARIA.

Ah! a maior prova que elle me podia dar de seu amor fôra deixar-me. Oh! minha mãe! perdoai estas palavras; preciso de desabafar-me comvosco. Mas vós não sabeis o que é amar um homem, e desposar outro... Vós só amastes meu pai, e só vistes no vosso casamento vossos unicos desejos realisados. Ai de mim, que me vou para a companhia d'elle, como para um sertão arido e feio, saudosa do passado e desesperada do futuro.

ANNA.

Deos nos dê muita saude para vêrmos o teu futuro, que hade ser prospero:—o casamento é uma segunda vida, em que até se perde a lembrança da outra.

MARIA.

Para vós assim devia parecer;—vós trouxestes aqui tenues lembranças da meninice, que mais sérios cuidados e maiores prazeres logo apagarão. E eu, eu levo profundas impressões, que

nem o amor, nem o odio de meu marido, poderá extinguir. Quanto mais me esforço para esquecê-las, mais vivas e mais pungentes se tornão. E dizei-me, minha mãe! como me farei eu alegre e satisfeita se a desgraça móra aqui dentro?—como explicarei minha tristeza continua e meus suspiros incessantes? Até de vós viverei isolada, só, entre as quatro paredes de uma casa, que nunca poderei chamar minha, porque apenas conterá meu corpo!...

ANNA.

Não ficarás isolada, filha! eu estarei sempre contigo. O Sr. Camargo aqui esteve á pouco, tu o viste; nada te póde fazer desconfiar de sua bondade.

MARIA.

E' de mim mesma que desconfio: receio não ser uma boa e sincera consorte. Mas não penseis que recuo ante os deveres rigorosos desse meu novo estado; não, eu hei de ser fiel e exacta, como vós. Mas meu passado é todo de Antonio. . . se o meu marido vier a saber. . .

ANNA.

Já sabe. . . .

MARIA.

Quem me assegura pois que elle não terá zelos do meu silencio, das minhas lagrimas, e que deixará em paz ao desgraçado? Meu Deus, meu Deus, Virgem Santa, minha advogada!...

ANNA.

Pois bem, entrega-te á ella, e não chores.

MARIA.

Sim, eu me entrego toda ao céu; porque já não ha mais esperança para mim. Quero pedir-vos um favor, é coisa que o fareis certamente, porque sois boa e caridosa; mas quero pedir-vos. . . Conso'ai o (*Em lágrimas*) sêde verdadeiramente sua mãe! (*Suffocada*) dizei-lhe que eu. . . Mas que lhe direis de mim á elle? . . . Nada lhe digais senão que eu morri! . . .

ANNA.

Morta porque?—elle hade ir á tua casa, hade estar sempre contigo.

MARIA.

Não, minha mãe! não o quero, e nem devo consentir. . . De amanhã em diante pertenço ao meu marido, e não quero outro amigo. . . É por que iria mais á minha casa? . . . nem elle poderá. . . Para ser tractado com a indiferença e friesa com que uma mulher casada recebe os homens de quem seu marido não gosta? Nem sei se eu teria forças para dissimular as emoções de sua vista com uma fria urbanidade. . . Não, minha mãe! evitaí que nos encontremos mais sobre a terra. . . (*Afflita*). Mas que é d'elle? se eu pudesse ainda dizer-lhe um adeos. . . (*Suffocada*) um só. . . o ultimo. . .

ANNA, á porta.

Antonio, ó Antonio. Elle vem, minha filha; mas nota que teu pai não pode demorar-se.

ANTONIO.

Senhora!

ANNA.

Deixa-te aqui ficar, meu filho, em quanto eu vou lá dentro um pouco.

ANTONIO.

Sim, Senhora!

ANNA.

Eu já volto. (*Vai-se:—silencio longo*).

SCENA III.

MARIA E ANTONIO.

ANTONIO.

Bella estás como um anjo prestes a voar para o céu!... Semelhante á essas virgens christãs que as chammas do martyrio pareião transfigurar em seraphins, as lagrimas abrilhantão mais teu bello rosto de desessete annos, de virginda-de, de amor!... Oh! apaguem-se estes meus olhos...—o que haverá mais na terra para elles vérem com este encanto com que agora te estou vendo! Assim devia ser tambem minha

mã!...—desessete annos, virgindade, puresa! .. Assim triste, chorosa, com as lagrimas da resignação ainda humidas nas palpebras, tyrannizada no coração, mas serena em suas feições, apresentou-se ante esse mundo estúpido e insensível, para o qual o sentimento é fraqueza, e o infortunio ás vezes um opprobrio ou um crime! .. (Aproximando-se). Maria! não conheci minha mã, sei comtudo a historia do engeitado, que é a mesma por toda a parte. Mas não é d'agora que o meu triste coração encontra em ti essa grata parecença. Muitas vezes, quando me sorrias com essa ineffavel doçura da mulher que ama, eu dizia comigo:— Não tive mã, mas Deos me supprio esta companheira dos meus primeiros annos com amor deste anjo! Cheguei até á pensar que fôra melhor nascer o homem com sua existencia assim dividida, como estava a minha com a tua!... Pois hem, Maria!—já que não posso amar-te como uma esposa que nunca mais heide ter, adorar-te-hei como uma mã que nunca tive. Todos os homens tem uma imagem de mulher para adorar, a minha será a tua... Não me recusarás, Maria!—esta derradeira consolação?...

MARIA.

O que poderei recusar-te, Antonio!

ANTONIO.

Sim!—o que póde recusar uma mulher ao homem que a ama verdadeiramente, como eu te amo?... Oh! muito te amei, é verdade, mais

do que te digo e podes presumir. Tu eras para mim a existencia e o mundo, os anjos e o mesmo Deos: um sentimento profundo, infrene e delirante me despegava de tudo para ligar-me á ti sómente. Quando me ensinarão a fallar mandarão-me chamar-te irmã, e assim pude apenas exprimir a bondade de teus pais, que no excesso de sua piedade igualarão o plebeu com a nobre. . . Mas o meu amor não tinha nome inventado, nem eu soube creal-o. Não era só um sentimento—vigoroso como a juventude, e brilhante como o seu phantasiar de esperanças, era uma omnipotencia no querer, uma divindade a realisar portentos e milagres. E, amado por ti, guiado por um seraphim como tu, que não seria eu, que não faria na terra!?. . . Mas agora, onde está tudo isso?.. —Cábio de cima de minhas nuvens de oiro no abysmo do meu nada primitivo!—novo Lucifer, resvalando do cume de minha soberba criminosa, só me falta blasphemar do meu Deos!.. .

MARIA.

Oh! serás ainda grande, Antonio! muito grande!

ANTONIO.

Sem ti, Maria?

MARIA.

Acharás talvez uma esposa. . .

ANTONIO.

Só a morte, só ella! Oh! que bella esposa me

aguarda, fiel e zelosa para estreitar-me em seus braços! (*Sombriamente*).

MARIA.

Antonio, Antonio! vê que te matas, que me matas, á mim tambem! Não sabes que serei tua eternamente?

ANTONIO.

Perdôa... oh! perdôa-me!—não sei o que digo, este pensamento já desvaira... assim fique elle sempre... Perdão, Maria! não quero affligir-te... não te afflijas por minha causa. Que importância estas palavras? Não te lembres mais de Antonio, não fallemos mais em mim. Foi por certo uma desgraça inaudita... ambos curtimos acerbas dôres, bebemos lagrimas amargas; mas já tudo terminou. Ainda bem que para ti foi facil o remedio e prompta cura:—em breve começará tua felicidade.

MARIA.

E julgas que eu possa ser feliz sem que tambem tu o sejas?... Oh! acredita-me, Antonio!—de tal sorte nos unimos que é impossivel entre nós uma separação verdadeira... Em todas as minhas idéas deixaste impresso o teu nome e o teu amor de um modo extranho e indelevel. Para que eu possa respirar, ah! ser-me-ha preciso, como o ar, a certeza de que vives; e para que se estanquem minhas lagrimas será mister que eu saiba que folgas contente e alegre n'al-

gum recanto da terra... Sim, necessito de tua vida, peço-te que vivas, que te consoles... (*Em lagrimas*). Nossa Senhora, com quem já me apeguei, hade indemnizar-te do bem que perdes...

ANTONIO.

Oh! Maria! (*Com emoção*).

MARIA.

Sim; Nossa Senhora que não permittio que eu morresse quando recebi o fatal golpe, que quer que eu viva ainda, hade conservar teus dias, adital-os e conceder-te uma mulher que te ame... —Ah! mas quem te amará como eu?...

ANTONIO.

Maria! o estrago da tempestade, que trôa sobre nossas cabeças, se estenderá até o meu ultimo instante... o desgosto que ora me ennuvia o rosto cubrirá para mim de hoje em diante toda a natureza, como o véo de escura noite denso e impenetravel! —Basta-me que tu te consoles, que sejas ditosa... Não devo queixar-me, não devo chamar-te cruel, tu eras livre, teu pai podia ceder-te á quem lhe approuvesse... Mas ah! que se teu marido te não amar, como eu te amo,—céos, e inferno!... a minha vingança... Sim! para isso quero a vida; para proteger-te, Maria! para vingar-te!...

MARIA.

Ah! (*Assustada*).

ANTONIO.

Tranquillisa-te eu sei que não posso ter zelos de ti. . . nem os tenho; com pezar infinito, sim, mas sem azedume de colera vejo-te passar aos braços do meu rival. . . Ditoso seja elle, tanto como fôra eu, como ao menos aspirava sê-lo contigo;—amaldiçoado e desventurado seja só este amor incensato, que ousei enobrecer e santificar por nobres e santas ambições, quaes as que tive, como o sonhador, que vê surdirem na miseria que o cerca palacios e thronos, e depois ao despertar desapparecerem quaes fantasmas da noite á luz do dia! Estava cego, estava; e sou ainda uma criança, pensando que só eu te merecia. . . Não, não te mereci nunca, nem te merecerei jámais! Foi tudo méro brinco de infancia:—quebrão-o, choramos; mas amanhã tu ao menos te rirás talvez destas lagrimas de hoje.

MARIA.

Ah! seria Deus quem o quebrou!?

ANTONIO.

Não, Deus não faz mal, forão os homens, foi este mundo vicioso e brutal, que só vê a nobreza nos avós, e a virtude no oiro, sem se lembrar que ha ladrões e adulteros!—Perdôa, Maria!—isto peço-te que me perdôes. . . Eu não devia esquecer-me de que o amor é a minha má sina. . . que as lagrimas que me insopárão o berço, me innundarião até no tumulo! Fiz-te gemer e chorar,—peço-te que me perdôes, ao

menos pela esperança que nutria de te cercar de delicias, de affogar-te no jubilo.

MARIA.

Queres que te perdôe a minha felicidade, Antonio?!—queres que esqueça as mais doces de minhas recordações? Oh! Deos não permitta que eu as deplore... que o futuro me faça arrepende-me de me haver resignado á vontade de meu pai, e não ter resistido até o delirio á este transe por que vamos ambos passar! Antonio? si soubesses como soffro!...—a viuva que assassinos de seu marido obrigassem a desposar um desconhecido, não padeceria mais nem tanto entre a saudade de um, e o terror do outro. Escuta-me: faze-me este favor... nunca te pedi nada...—Hasde viver, ouviste? hasde viver; sou eu que preciso de tua vida; hasde procurar consolações, Nossa Senhora t'as dará... Promettes-me, Antonio?

ANTONIO.

Oh! viverei, sim, viverei; pois que o ordenas; soffrerei tudo por teu respeito, pois que o queres... embora no deserto, embora mais solitario e desconsolado que o primeiro homem só no meio do paraiso. Minha vida te pertence, podia anniquilal-a com uma só palavra, e com outra me ressuscitas...—Viverei pois, não importa como, nem onde... *(Pausa)*. Adeos Maria! adeos para sempre! *(Va: abraçal-a e suspende-se)*. Adeos!...

MARIA, *atirando-se nos braços de Antonio.*

Não, ainda não. . . não posso. . . ah!

SCENA IV.

OS MESMOS E CAPITÃO LEME.

CAPITÃO LEME, *na porta.*

Ainda uma vez os separo! mas não importa, a honra está acima de tudo! (*Antonio e Maria separão-se surprehendidos*).

CAPITÃO LEME, *severamente.*

Antonio! espera-nos aqui; talvez aqui venhão os nossos amigos para acompanhar-nos á Igreja. . . Maria, escuta; tenho que dizer-te. (*Maria e Antonio contemplão-se um momento com indissível emoção*).

SCENA V.

ANTONIO, *só.*

(*Passeia agitado e commovido ao longo da scena*). Mas perdê-la! deixá-la assim passar-se aos braços de outro, eu que a amo?! . . . (*Resolutamente*). Não, Camargo! nem tu, nem todos os teus. . . não sou Pires, não sei quem sou, sei sómente que sou della e que ella é minha, como o ar que respiro, e a vida que vivo! Ella comigo, e depois. . . o sertão!—é impossível que nos devorem as onças, ou nos persigão os

bugres!... (*Suspendendo-se com horror*). Mas que digo?—comer o pão caridoso do Capitão Leme, e atraíçal-o e deshonral-o!... Eu engeitado e raptor infame!?... (*Em desespero*). Ah!... Não ser eu um malvado, um assassino, ou um reprobado!...

SCENA VI.

ANTONIO E ABBADE.

ABBADE.

E para que querias ser um malvado, um assassino, ou um reprobado?!

ANTONIO, *com resentimento*.

Para não soffrer, Padre, porque neste mundo sómente soffrem os bons.

ABBADE.

Bemaventurados, Antonio, os que soffrem com paciencia as miserias deste mundo...

ANTONIO, *enternecido*.

Sim; mas é muita dôr só para dois corações, o meu é o della...—Deixai-me chorar, meu Padre!—é o unico desafogo dos desgraçados como eu... (*Em soluços*).

ABBADE.

Feliz aquelle que chora quando soffre, meu

filho!—ditoso aquelle em cujo coração o veneno das paixões não seccou esse orvalho do céo—as lagrimas, que Deos deixou no peito do homem como balsamo suave para apagar o fogo das grandes afflicções da vida. Aqui, meu filho! (*Abraçando-o*) sobre este seio de um amigo e de um sacerdote, é que debes repousar tua cabeça vergada pelo peso da desgraça.

ANTONIO.

Sim, meu amigo!—estou no limiar da eternidade; foi-se-me a vida em poucos annos. . . — em breves horas, a vida do espirito. . . A febre do sentimento mais ardente que a da doença, devorou-me. . . Uma agonia indivivel prostra o meu coração!—Oh! quanto esta morte é horrivel!—Antes a outra, meu Padre! antes a outra! . . . Com os membros paraliticos no fundo de um leito, e immovel, pôde o homem resignar-se e viver. . . Mas com o corpo são e a morte n'alma. . . ah! é horrivel! . . .

ABBADE.

Resta-te Deos! esta idéa para quem nella acreditou verdadeiramente como tu, meu filho! resuscita os mortos, enche de vida a alma, de consolo, de esperança. . . Escuta estas palpitações enfraquecidas. . . Aqui (*Mão no peito*)—aqui tambem veio a idéa de Deos, como a semente fecunda trazida pelos ventos ao campo esterilizado. . . Ouves, filho?—Ninguem sabe o que veio cobrir esta mortalha. . . Si a vida do mundo era extincta, devia começar a do céo. . .

ANTONIO.

Sim, sim, meu amigo,—eu vos comprehendo, ou antes, vós me comprehendestes, sem que eu fallasse, com esses olhos com que sempre lestes em meu pensamento, como em um livro aberto. Quero, sim; devo-o...—quero esconder-me na cella mais escura de vosso mosteiro, até que chegue o derradeiro dia d, minha viagem, e possa descarregar este fardo pesado, que me acabrunha...

ABBADE.

Pois bem, meu filho!—Deos te inspira essa resolução admiravel, e colloca-te mais perto de si para consolar-te. Com effeito, parece-me perdida a tua causa neste mundo... Nem Amador Bueno aqui!—elle só podia tudo conseguir...

ANTONIO.

Não, Padre! já agora de que me serviria a felicidade,—ella!... Não tenho já forças; exaurio-me o soffrimento... Só me resta o silencio, e o ermo de vosso claustro: uma verdadeira morte para o mundo sem commetter o horrivel peccado de tentar contra os meus dias... (*Atirando-se sobre uma cadeira em soluços*).

SCENA VII.

OS MESMOS, CAPITÃO LEME, MARIA E ANNA.

CAPITÃO LEME.

Ora pois, minha filha! é chegado o momento

da nossa despedida.—Bem quizéramos nunca separar-me de ti, mas que hade fazer um pai da sua mais querida filha senão dar-lhe estado... De amanhã em diante, já daqui á pouco, trocarás o socego, e prazeres de filha familia pelos sérios cuidados de mulher casada e dona de casa. Não preciso de dar-te mais conselhos; sempre foste uma boa menina, muito temente á Deos, e amante de teus pais e do proximo. Se te guiares, como espero, pelos exemplos virtuosos de tua mãe serás digna do estado que vais tomar. Quanto ao teu marido debes crêr que eu não lhe daria com tanta satisfação o que mais amo neste mundo,—a minha unica adorada filha, se não estivesse convencido de que fará a sua felicidade. E com effeito, a generosidade com que elle recusou todo o teu dote, dizendo-me que era moço e tinha braços fortes para trabalhar, e ganhar a vida, prova assaz a nobresa do seu character.

MARIA.

Sim, Senhor! eu sei que vós quereis a minha felicidade.

CAPITÃO LEME.

Quero e espero conseguir, filha!

MARIA.

Deos falle pela vossa bocca, meu pai! e me dê animo que me falta...

CAPITÃO LEME.

Pois pede a elle que t'o dará, filha! E ale-

gra-te, Maria!—Não arrefeças com tuas lagrimas o entusiasmo de teu marido, e de sua família, que tanto desejou, e aprecia esta aliança.

MARIA.

Não, meu pai! eu estou tranquilla, e...satisfeita...si choro é por separar-me de vós, e de...minha mãe.

CAPITÃO LEME.

Padre! os nossos amigos de certo nos esperão na Igreja; por isso vamos. Destes as minhas ordens?

ABBADE.

Todas.

CAPITÃO LEME.

Vamos com Deos, minha filha. (*Tomando-a pela mão e sahindo*).

MARIA, *á parte*.

Virgem Santa! valei-me!

ANTONIO.

Oh! (*Dá alguns passos cambaleando e apertando convulsamente o cerebro*). Jesus! Jesus!...

AMADOR BUENO, *fóra*.

Capitão Leme! dais licença?

TODOS.

Amador Bueno!... (*Emoção geral*).

ANTONIO.

Ah! (*Como evocado a razão e á vida por esta apparição subita*).

SCENA VIII.

OS MESMOS E AMADOR BUENO.

AMADOR BUENO.

E' verdade, chego neste momento, e sem perda de tempo vos venho restituir, e amigo e Sr. Capitão Leme! a vossa palavra...

CAPITÃO LEME, *attonito*...

A minha palavra?...

ANTONIO E MARIA.

Ah!... (*Respirando*).

AMADOR BUENO.

Sim, a palavra que empenhaste para o casamento de vossa filha.

CAPITÃO LEME, *do mesmo modo*.

Senhor! o que é que dizeis!?...

ABBADE.

Louvada sejais, meu Deos!

AMADOR BUENO.

Soube por carta de um nosso amigo que haviéis contratado este consorcio para vossa filha, e persistiéis em cumprir a vossa promessa, contra os votos de vossa familia, e contra vossos proprios desejos. Apressei-me pois, e vim impedir-vos de fazerdes a desgraça de vossa filha, e praticardes uma acção indigna de vossa qualidade. A familia, amigo e Sr. Capitão Leme, é a virtude, e por isso eu considero Antonio tão nobre como a vossa filha.—A palavra, que não tem por base o dever, nada tem com a honra. O Sr. Fernando de Camargo desiste do seu intento, e espera que não lhe leveis á mal os esforços que fez para aliar a sua com a vossa familia. De minha parte accitai parabens pelo feliz consorcio de vossa filha com o nobre Antonio, que desde agora tomo para meu amigo.

MARIA.

Quanto sois bom, Sr. Amador Bueno!

ANTONIO.

Homem que mereceis culto.. .(Amador Bueno abraça a Maria e ergue Antonio, que vai ajoelhar-se).

CAPITÃO LEME.

Oh! estou louco... estou! Minha cabeça...
Sr. Amador Bueno! (*Indo abraçal-o*).

AMADOR BUENO.

Amigo e Sr. Capitão Leme! (*Abraçando-o*).

SCENA IX.

OS MESMOS E FERNANDO DE CAMARGO.

CAMARGO.

Capitão Leme!—já me perdoastes? Ora pois!
fiquemos amigos como d'antes; Amador Bueno
assim o quer! Dai-me um abraço.

CAPITÃO LEME.

Abraçai-me, abraçai-me todos!—estou con-
tentissimo e feliz... já não sou velho! Alegria,
Senhores! Meus filhos! (*A' Antonio e Maria*).
eis ali teu pai, (*Apontando Amador Bueno*) eis o
pai de todos os bons Paulistas!—Inclito Amador
Bueno! (*Indo abraçal-o*).

AMADOR BUENO.

Meu bom e generoso amigo, é realmente ale-
gre o dia em que nossos filhos se julgão felizes.
Deos os abençoê!—Senhora D. Anna! (*Despren-
dendo-se do Capitão Leme, e abraçando-a*) quan-

to estaveis resignada, como uma matrona virtuosa que sois...

ANNA.

Chorei muito; mas agora, graças a vós, só choro de prazer.

AMADOR BUENO.

Agora dai-me licença, amigo e Sr. Capitão Leme; quero enxugar lagrimas de saudades que também me pungem. Adeos!

CAPITÃO LEME.

Vosso escravo, Sr. Amador Bueno.

CAMARGO.

Até outra vista, Capitão.

CAPITÃO LEME.

Meu amigo!

ANNA.

Vossa serva, meus Senhores.

ANTONIO.

Não sei o que mais admire em vós, si a fama, si a bondade. (*Despedindo-se de Amador Bueno*).

MARIA.

Senhor! (*Com gesto de profundo reconhecimento*).

AMADOR BUENO.

Antonio, sêde paulista; Maria, imitai a vossa mãe. (*Sae com Fernando de Camargo*).

SCENA X.

OS MESMOS, MENOS A. BUENO E F. CAMARGO.

ANTONIO.

Maria! anjo do céu!..

CAPITÃO LEME.

Padre! agora não me importa... quero mesmo que repiquem todos os sinos da villa.

ABBADE.

Em breve os ouvireis.

CAPITÃO LEME.

Saihão todos quanto é grande para mim o de hoje. Senhora! tres dias de festa, nada peis... E vamos, vamos já para a Igreja dre! que hoje mesmo se consumme a de meus filhos.

ANTONIO.

Senhor! (*De joelhos*).

MARIA.

Meu pai! (*O mesmo*).

CAPITÃO LEME.

Amador Bueno! (*Apontando a porta lateral por onde sahio A. Bueno*).

ABBADE.

Deos! Deos!... (*Solemnemente*).

CAPITÃO LEME.

Sim!—Adoremos a misericordia de Deos!... (*Curva-se respeitoso, o Abbade inclina-se, repicão os sinos da villa, e desce o panno*).

FIM DO DRAMA.



NOTA.

(Cópia) — Parecer da Commissão de censura do Conservatorio Dramatico Brasileiro sobre o drama—O CAPITÃO LEME OU A PALAVRA DE HONRA.

Li o drama o — *Capitão Leme ou a Palavra de Honra*, pelo Sr. Paulo Antonio do Valle, e julgo que esta obra é digna de louvor. Acho o primeiro acto um primor dramatico, assim como o terceiro. Não posso deixar de lastimar, ao menos pela impressão que senti, a tibieza que causão no correr do drama essas cantilenas africanas, que, a meu vêr, intercepção o maguifico fio de uma concepção tão bella, e tão primorosamente realisada. O auctor do drama é um homem privilegiado; e muito satisfeito devia ficar ao concluir uma obra tão cheia de bellezas, e de uma fluidez espantosa : louvo-a com sinceridade e enthusiasmo. Rio de Janeiro 2 de Novembro de 1851. — F. — Conforme. — *Luiz Garcia Soares de Bivar*.

DESPACHO.

Vista a censura, com a qual me conformo, pode representar-se em qualquer dos theatros desta Côrte. Dê-se ao auctor, por copia, o relatorio da censura. Rio de Janeiro 31 de Dezembro de 1851. — D. *Bivar*. — P.